

Desejo de autobiografia: “Um homem sem profissão”, de Oswald de Andrade

Daniel da Silva Moreira¹

RESUMO: Este texto tem por objetivo refletir sobre a dualidade da prática autobiográfica, dividida entre o desejo e a negação das escritas de si, num panorama em que Oswald de Andrade seria um claro representante da primeira vertente, uma vez que *Um homem sem profissão* coloca em destaque o desejo, tanto pela vida quanto pela própria escrita autobiográfica.

Palavras-chave: Autobiografia; Oswald de Andrade; Autobiografia e desejo.

Quantas formas há de se escrever uma autobiografia? Se esta questão me fosse colocada, provavelmente eu diria que as possibilidades são infinitas e a análise da prática mostra muito bem que nenhuma autobiografia é igual ou demasiado parecida a outra. Todavia, se fosse imprescindível escolher algum critério de ordenação da prática autobiográfica, ainda que não excluísse nenhum outro, optaria, motivado pelo meu interesse pessoal como leitor de autobiografias, por um critério bastante simples e que tem norteado minhas reflexões: a dualidade de posições frente ao autobiografar. É possível perceber, especialmente quando se trata das obras publicadas no Brasil, que há, de um lado, aqueles autores que, ainda que estejam escrevendo uma autobiografia, não hesitam nunca em deturpar a prática, e, de outro, aqueles que se lançam sem pejo à escrita de suas vidas. Em minha dissertação de mestrado, busco discutir esta dualidade da autobiografia, cuja escrita se vê constantemente dividida entre a negação e o desejo pela escrita e, num plano mais amplo, pela própria vida, um posicionamento capaz de alcançar e corresponder à própria dualidade da condição humana, que vaga, para usar os termos de Nietzsche, entre os princípios apolíneo e dionisíaco. Discuto esta questão em torno de duas obras, cada qual bastante representativa de um destes dois posicionamentos: o *Itinerário de Pasárgada*, de Manuel Bandeira, e *Um homem sem profissão; memórias e confissões; sob as ordens de mamãe*, de Oswald de Andrade.

Creio que estas posições tão fortemente marcadas frente à narrativa da própria vida tenham raízes bastante profundas, que vão bem mais longe do que uma mera timidez ou, em outro extremo, do que o tão comumente referido gosto por exibicionismo, mas sim que – e

¹ Mestrando em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. Endereço eletrônico: moreiraufjf@yahoo.com.br. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jovita Maria Gerheim Noronha.

falo ainda de Brasil – se estendem ao passado histórico e cultural de nossa sociedade. Além disso, há que se pensar também que a autobiografia, por se constituir como um discurso literariamente intencionado, não é apenas um escrito ingênuo, mas sim resultado de uma ordenação previamente elaborada, é uma representação de um sujeito ideada por ele mesmo e, assim sendo, a quase totalidade do que lemos são suas escolhas. E eis aí um ponto em que, sempre que possível, procuro tocar, pois o senso comum muitas vezes pensa a escrita autobiográfica em termos de verdade – e não em termos de representação intencional – e assim é que ouvimos mais constantemente do que seria de se desejar idéias do tipo: “Ora, a autobiografia de Oswald é ousada e interessante porque sua vida foi, bem antes da escrita, ousada e interessante.”. Como se a vida criasse a escrita, quando na verdade o que se vê é que é a escrita que cria a vida.

As escritas de si no Brasil têm uma história tortuosa, difícil, e tentar reconstituí-la é tarefa igualmente árdua. Contudo, refazer este trajeto, ainda que superficialmente, tem, no presente momento, uma dupla utilidade, por um lado permite que se comece a compreender as origens do constante pudor e rejeição pela escrita em primeira pessoa, por outro, nos dá uma visão privilegiada e mais lógica de como se passou gradativamente da quase impossibilidade de se escrever uma autobiografia à quase obrigatoriedade de fazê-lo, sobretudo quando está em questão a memória de uma figura intelectual. E é justamente nas autobiografias de intelectuais, quase que exclusivamente escritores, que baseio minha linha do tempo. Oswald representa, no painel que pretendo delinear, um marco fundamental, pois é um dos primeiros a ousar dentro de uma prática até então executada de modos muitas vezes insosso.

Escrever sobre a própria vida no Brasil nunca foi algo fácil, era mesmo indesejável. De acordo com Gilberto Freyre, em seu prefácio ao *Minha Formação*, de Joaquim Nabuco, num trecho que, embora longo, vale cada linha de sua citação:

Para o Brasil da época em que apareceu, *Minha Formação* foi livro um tanto escandaloso, por ter sido, para muitos, cheio de louvor em boca própria. Não faltou quem acusasse o autor de deselegante narciso. Nem quem estranhasse em fidalgo tão autêntico o que a vários dos seus críticos pareceu mau gosto: o mau gosto de escrever um homem da responsabilidade de Joaquim Nabuco todo um livro acerca de si mesmo; e de escrevê-lo com mais complacência do que rigor crítico, acerca daquela metade, menos da sua pessoa do que da sua vida, mas capaz de sugestionar a seu favor a elite e o público mais culto do seu País.

Não se compreendia então, sem-cerimônia dessa espécie. Era contra as melhores convenções que regulavam o comportamento quer de homens públicos, quer de escritores ilustres. Repugnava aos melhores mestres brasileiros de bom-tom que um indivíduo elegante escrevesse de si próprio: da sua própria formação. Faziam-no franceses, ingleses e russos, é certo: os últimos indo ao extremo de recordar suas deformações. Mas eram estrangeiros. (FREYRE, 1998, p.09-10)

A reação ao livro de Joaquim Nabuco dá uma idéia bastante precisa do tipo de atitude que então norteava a recepção de uma autobiografia no país. É Freyre que salienta que até o fim do Segundo Reinado o ambiente intelectual brasileiro em nada era propício à escrita autobiográfica e que, mesmo depois do advento da República, ela continuou pouco exercida e associada sempre ao narcisismo e a um tipo de escrita inferior, que deveria ser evitado a qualquer custo. Este pudor em ver o outro se revelar ou em revelar a si próprio, como falarei mais adiante, está de tal modo interiorizado em nossa sociedade que, mesmo quando o cenário nacional começa a se abrir para as escritas de si, muitos vão fazer questão de se render a elas como se estivessem a aceitar um mal necessário.

A autobiografia de Nabuco, publicada em 1900, não foi a primeira do gênero no país, antes disso, em 1873, José de Alencar já escrevera *Como e porque sou romancista*. O livro, contudo, foi editado apenas em 1893, portanto já na República, o que só vem a confirmar o que disse Gilberto Freyre sobre a autobiografia no Brasil. O texto de Alencar também vai inaugurar uma outra prática: a da utilização de subterfúgios para justificar o texto autobiográfico. O autor escreve sua obra à feição de uma carta, como se estivesse respondendo a uma consulta de um certo *Dicionário Bibliográfico*, fornecendo, assim, sua contribuição para a escrita de “nossa ainda infante literatura” (ALENCAR, 2005, p.12). Alencar faz questão de salientar que a presente “missiva” não passa de um rascunho do primeiro capítulo de uma grande obra em que ele trataria detalhadamente de seus livros. Há que se notar também o âmbito exclusivamente literário a que se estende a autobiografia de Alencar, não há nada de pessoal em seu texto que esteja ali colocado senão para justificar sua obra, em suas próprias palavras: “ (...) há na existência dos escritores fatos comuns, do viver cotidiano, que todavia exercem uma influência notável em seu futuro e imprimem em suas obras o cunho individual” (ALENCAR, 2005, p.12).

O início do século XX assistiu muito lentamente o surgimento de um terreno mais fértil para as escritas de si, que passariam do estatuto de impraticáveis, com raras exceções como aquelas de que falei anteriormente, a possíveis, ainda que permanecessem vistas no mais das vezes como incômodas e desconcertantes. Alguns agentes, ao que tudo indica, exerceram fundamental influência na produção e crescente valorização das escritas de si. A título de exemplo destaco a ação de duas figuras de relevo, Mário de Andrade e Antonio Candido.

Mário de Andrade, já desde os anos de 1920, vinha exercendo a escrita íntima das cartas como algo elaborado e, antes de mais nada, destinado não unicamente ao seu interlocutor imediato, mas aos seus possíveis leitores e pesquisadores futuros. Mário não se

limitava a escrever, exortava outros escritores a também escreverem, conscientizando-os do valor da correspondência como um testemunho de geração e um exercício crítico. Exemplar dessa atitude é um trecho de uma carta sua a Drummond em que diz: “Homem que repele as memórias, que não quer saber das saudades, que despreza as consolações... Deve ser um homem seco” (ANDRADE, 1982, p.111). Um ano após a morte de Mário, Antonio Candido já profetizava: “A sua correspondência encherá volumes e será porventura o maior monumento do gênero, em língua portuguesa: terá devotos fervorosos e apenas ela permitirá uma vista completa de sua obra e do seu espírito” (CANDIDO, 1990, p.69 apud ANDRADE & BANDEIRA, 2000, p.09).

E será este mesmo Antonio Candido que havia antevisto a relevância da correspondência de Mário que, atuando numa via de mão-dupla, incentivando novos testemunhos, ou valorizando tais textos como objeto de estudo – como faria mais tarde com Drummond, Murilo e Nava –, daria uma grande contribuição para uma mudança na imagem da escrita autobiográfica no país. Candido manteve sempre uma postura extremamente positiva em relação à produção de escritos de testemunho, foi de fundamental importância, por exemplo, sua declaração a Oswald de Andrade, estimulando-o a escrever suas memórias. Oswald registra no prefácio de sua autobiografia intelectual: “Antonio Candido diz que uma literatura só adquire maioria com memórias, cartas e documentos pessoais e me fez jurar que tentarei escrever já este diário confessional.” (ANDRADE, 2002, p.36). Ainda que no contexto das memórias de Oswald a reprodução de tal afirmativa tenha maior importância por seu valor de escusa à iniciativa de escrever a obra, é significativo o registro do tipo de influência que Candido buscava exercer junto à intelectualidade brasileira. Sua atividade como crítico seria fundamental para a inclusão de escritos pessoais no rol das obras dignas de estudo e leitura.

É assim que, a partir do início dos anos de 1950, algo parece ter de fato mudado e a produção de testemunhos de escritores começa a ganhar corpo, o que, contudo, não significou o fim absoluto da resistência ao gênero. Há antes uma premência social para que tais testemunhos existam, ao que os autores vão responder, muitas vezes, com uma grande dose de má-vontade. Ocorre que entramos num estágio da produção autobiográfica em que, ainda que haja inúmeras obras sendo escritas, as barreiras do preconceito e das acusações de narcisismo não foram de todo rompidas. É preciso lidar com elas e, ainda assim, escrever. Os autores se vêem numa situação ambígua, dado que *possuem* uma autobiografia, sem, contudo, *serem possuídos* por ela, para usar palavras de Philippe Lejeune. É justamente essa ambigüidade que vai ajudar a entender a dinâmica das autobiografias deste período, em que abundam os

subterfúgios, toda uma série de escusas e justificativas por se ter começado a escrever sobre sua própria vida e algo ainda mais profundo em suas conseqüências: a escrita de autobiografias que se restringem unicamente à vida pública de seu autor ou à sua obra pregressa, em detrimento da vida privada.

Seria o caso de lembrar, por exemplo, o *Itinerário de Pasárgada* (1954), de Manuel Bandeira, autobiografia que se poderia dizer monocórdia, pois não há nada de revelações, amores secretos, descobertas juvenis, de mergulhos muito profundos num ser desconhecido. Sua autobiografia é apresentada ao leitor como feita sob encomenda – ou mesmo sob insistência – e dá lugar a uma só voz, a de sua obra, que é reconstituída nos mínimos detalhes. Ou ainda Jorge Amado, com *Navegação de Cabotagem*, que dá à obra um subtítulo bastante sintomático de sua recusa e de um certo menosprezo pela escrita autobiográfica: “Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei”. Ao mesmo tempo em que chama a atenção para o caráter de inacabamento e marginalidade, o autor escreve um extenso volume, com mais de 400 páginas e extremamente rico em informações. Mesmo aqueles autores que se recusaram terminantemente a produzir seus documentos autobiográficos, ou ainda os que disseram se “esqueceram”, vêm surgir pelas mãos de seus herdeiros reuniões de trechos autobiográficos de suas obras (como ocorreu com João Cabral de Mello Neto), ou mesmo são vítimas de testemunhos forçados, entre os quais poderia destacar um que é exemplar, o de Rachel de Queiroz, “obrigada” pela irmã a escrever um livro de memórias.

Em todo este cenário, Oswald é uma figura única, pois, ainda que tenha escrito sua autobiografia num período em que a prática começava a alvorecer em suas possibilidades e mesmo que se atenha desde o início à recusa e a um pretense desinteresse por seu livro de memórias, não demora muito e a leitura de *Um Homem Sem Profissão* (1954) faz constatar que Oswald conduz – e talvez seja o primeiro a fazer isso no Brasil – a autobiografia a um outro terreno, em que não há apenas a necessidade social de relatar a própria vida, quase sempre de modo demasiadamente metódico como ocorre com outros autores, mas há também a presença de uma escrita em que ganha destaque o desejo. E um desejo não só pela vida, mas – e eu diria principalmente, por ser o mais significativo no presente contexto – o desejo pela escrita autobiográfica.

Um homem sem profissão; memórias e confissões; sob as ordens de mamãe seria apenas o primeiro volume do projeto autobiográfico de Oswald de Andrade², mas terminou sendo o único que foi de fato escrito e publicado, no ano de 1954, alguns meses antes de sua

² Os outros volumes seriam *O Salão e a Selva*, *Solo das Catacumbas* e *Para lá do trapézio sem rede*.

morte. Em sua autobiografia, Oswald opta por compor uma narrativa em que há a predominância do desnudar-se sem pudor, relatando mesmo os pormenores mais íntimos de sua vida, dando detalhes que para muitos soariam como bastante embaraçosos. Minha leitura desta obra parte da hipótese de que a atitude do autor em relação à escrita de sua autobiografia – de entrega e valorização do que possa haver de mais íntimo –, não é um gesto gratuito, é antes uma estratégia de afirmação de uma *persona* literária, que vai confirmar e legitimar a figura do intelectual transgressor e vanguardista pretendida por Oswald. À dessacralização da poesia empreendida por sua obra, por exemplo, poderia corresponder também, paralelamente, uma dessacralização da vida, a retirada da figura do intelectual de um pedestal, mostrando-o como uma criatura comum, feita de carne e desejo. Sendo assim, a autobiografia de Oswald se constituiria como um ato crítico continuador da proposta estética e política de sua obra. Já no início de seu texto, Oswald se representa como uma figura que esteve sempre à frente, lutando – ele mesmo emprega o vocabulário bélico – por uma causa: “Fito nas paredes do living espaçoso as minhas altivas bandeiras. São os quadros, as obras-primas da pintura moderna de que breve vou me desfazer. São os estandartes levantados na guerra que foi a minha vida” (ANDRADE, 2002, pp. 35-36). *Um Homem sem Profissão* também rompe as barreiras entre vida e obra: misturando-as, confundindo-as e fundindo-as em uma coisa só. Oswald usa em sua autobiografia – ou vice-versa, não há como afirmar com certeza –, diálogos que já estavam presentes em *Serafim Ponte Grande*, ou ainda, enxerta seu texto com longos trechos tirados do diário coletivo da *garçonnière*³.

Por fim, é oportuno dizer que estes ainda são apenas horizontes a se seguir e a se desenvolver, e, ainda que não tenha tocado em profundidade em nenhum ponto, espero que tenha contribuído ao menos para despertar a curiosidade por um terreno ainda muito pouco lido e questionado de nossa literatura: a produção autobiográfica de alguns de seus nomes mais representativos.

RESUMÉ: Partant de l'hypothèse d'une dualité de la pratique autobiographique, partagée entre le désir et le déni, cet article propose une réflexion sur *Um homem sem profissão*, de l'écrivain brésilien Oswald de Andrade. Cette œuvre semble représentative de la première attitude vis-à-vis des écritures de soi puisqu'elle fait ressortir le désir à la fois de la vie et de l'écriture de celle-ci.

Mots-clés: Autobiographie; Oswald de Andrade; Autobiographie et désir.

Referências:

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Campinas: Pontes, 2005.

³ Diários publicados em *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* (São Paulo: Globo, 1992).

- ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo*: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, anotadas pelo destinatário. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- ANDRADE, Mário de & BANDEIRA, Manuel. *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. Org., intr. e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo, Edusp, 2000.
- ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão*; Memórias e confissões; Sob as ordens de mamãe. São Paulo: Globo, 2002.
- FREYRE, Gilberto. Introdução. In: NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Brasília: Senado Federal, 1998.